


The background features a light grey triangle on the left, a teal triangle on the top right, a dark teal triangle on the bottom right, and a pink triangle on the bottom left. A stylized sun with horizontal yellow stripes is positioned in the lower right, partially overlapping the dark teal and pink areas. A white circle is located at the bottom right, overlapping the pink and dark teal areas. In the top left corner, there is a faint, light grey version of the sun graphic.

## Ações públicas e privadas:

Os pressupostos da ambiência de Participação Social do Centro-Dia para pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla.

The background features a large, abstract composition of overlapping geometric shapes. A light blue triangle is in the top right, a grey triangle is in the middle right, and a pink triangle is in the bottom left. A stylized sun with horizontal yellow stripes is positioned in the lower right, partially overlapping the grey and pink shapes. A white circle is at the bottom right, overlapping the pink shape and the sun.

# Ações públicas e privadas:

## Os pressupostos da ambiência de Participação Social do Centro-Dia para pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla.

Organização e Elaboração  
Jailane Devaroop Pereira Matos  
Maria Juanita Godinho Pimenta  
Natalia Lisce Fiorante Diniz

Revisão  
Denise Chagas

Diagramação  
Daniel Tavernaro



## **Agradecimentos**

Esta cartilha é uma construção coletiva que contempla vários olhares, comprometidos com a autonomia e a participação das pessoas com deficiência intelectual na sociedade e é o resultado dos debates realizados na IV Câmara Técnica de Assistência Social, órgão de assessoria da FEAPAES-MG, que visa instrumentalizar e fundamentar as ações, orientar a produção de informações e de materiais a respeito do tema.

Ressaltamos aqui o engajamento, o compromisso e as contribuições das Apaes de Belo Horizonte, Brumadinho e Pará de Minas que participaram das discussões e colaboraram para a construção das diretrizes aqui apresentadas.

# Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais

## Diretoria Executiva

Presidente: prof. Jarbas Feldner de Barros

Vice-Presidente: Gláucia Aparecida Costa

Boaretto

2º Vice-Presidente: Leonardo Ismael Prates Vieira

1ª Diretora Secretária: Geórgia Stefânia Duarte

Chaves Mendonça

2º Diretor Secretário: Douglas Volsi Rodrigues

1ª Diretora Financeira: Patricia Gil Silva

2ª Diretora Financeira: Kelly Chagas Vale

1º Diretor Social: Carlos Eduardo Gomes Senra

2ª Diretora Social: Maria Rozilda Gama Reis

Diretor de Patrimônio: Adnilson Marins dos Santos

## Conselho Fiscal

Efetivos

Pedro Rogério Gonçalves

Alex Abadio Ferreira

Helena Maria Milagres Belo

Membros Suplentes

Stela Maris Pimenta Rodrigues

Isamin Couto Gonçalves Coelho

Maria Paula Aliberti Rodrigues dos Reis

## Conselho Consultivo

Eduardo Luiz Barros Barbosa (*in memoria*)

Fernando da Mota

Luiza Pinto Coelho

Sergio Sampaio Bezerra

## Conselho de Administração

Alto Paranaíba I - Sede: Serra do Salitre

Roberta Alves Borges Pacheco

Alto Paranaíba II - Sede: Presidente Olegário

Meira José da Fonseca Pinheiro

Alto do Rio Pardo - Sede: Salinas

Haya Carolina de Souza Araújo

Campodas Vertentes - Sede: São Vicente de Minas

Renata Arantes Villela

Centro I - Sede: Belo Horizonte

Judith Maria de Magalhães Monteiro

Centro II - Sede: Curvelo

Celmi Buitrago Aquino

Centro IV - Sede: Igarapé

Armando Cândido Gomes

Centro V - Sede: Capim Branco

Girlene Gomes Ferreira Alves

Centro Oeste I - Sede: Formiga



Patrícia Silva de Azevedo Montserrat  
Centro Oeste II - Sede: Florestal  
Marli Helena Duarte Silva  
Centro Oeste III - Sede: Luz  
Sandra Miziara Barbosa Mendonça  
Circuito das Malhas - Sede: Borda da Mata  
Gláucia Brandão Guilherme  
Circuito das Águas I - Sede: Lambari  
Vera Nilce Maia Gonçalves  
Circuito das Águas II - Sede: Passa Quatro  
Carlos Henrique Matos  
Noroeste Mineiro - Sede: Paracatú  
Maria Aparecida Aguiar Adjuto  
Médio São Francisco - Sede: Januária  
Maria do Amparo Pereira Dias  
Norte I - Sede: Montes Claros  
Silvano Gonçalves Pereira  
Norte II - Sede: Janaúba  
Raílda Rosa de Oliveira  
Sudoeste I - Sede: Piumhi  
Aline de Figueiredo  
Sudoeste II - Sede: Igaci  
Terezinha do Carmo de Carvalho  
Sul I - Sede: Ipuina  
Regina Maris Munis Zanetti  
Sul II - Sede: Três Pontas  
Nuno Augusto Alves  
Três Vales - Minas Novas  
Márcia Geralda Lourenço Fernandes Guedes

Triângulo Mineiro I - Sede: Monte Alegre de  
M i n a s  
Cláudia Arantes Rodrigues Félix  
Triângulo Mineiro II - Frutal  
Maria Auxiliadora Correa Barbosa  
Vale da Eletrônica - Sede: Itajubá  
Claudia Rezende Soares  
Vale do Aço I - Sede: Santa Maria de Itabira  
Claudilene Araújo Crispim  
Vale do Aço e Rio Doce - Sede: Coronel  
F a b r i c i a n o  
Antônio Anício de Assis  
Vale do Suaçuí - Sede: Sabinópolis  
Geraldina Betânia Barroso  
Vale do Jequitinhonha - Sede: Araçuaí  
Eunice Maria Tanure Jardim - in memoria  
Vale do Mucuri - Sede: Nanuque  
Cláudia Onofre  
Vale do Piranga - Sede: Porto Firme  
Lorena Aparecida Rodrigues  
Zona da Mata I - Sede: Viçosa  
Maria do Carmo Tito Teixeira  
Zona da Mata II - Sede: Manhuaçu  
Xerxes Alves Albéfaro Farini  
Zona da Mata III - Sede: Leopoldina  
Maria Célia Moraes de Oliveira  
Zona da Mata IV - Sede: Carangola  
Maria Emília Martins Baroni



## Conteúdo

1. Introdução.....	8
2. A Ambiência de Participação Social no Centro Dia.....	9
3. Oficina de Ações Públicas.....	13
4. Oficina de Ações Privadas.....	16
5. O Agir Político e o Protagonismo dos Usuários e Usuárias do Centro Dia.....	18
6. Como o Educador Social Pode Apoiar a PCDIM na Ambiência de Participação Social.....	21
Ação Privada:.....	22
Ação Pública:.....	23
7. Considerações Finais.....	23
Referências.....	24
Anexo.....	25
As ofertas de ações públicas e privadas.....	25
Espaços Sociais:.....	32
Comunidades:.....	32
Planejamento das atividades:.....	33
Avaliação das atividades.....	34
Ação Pública e Privada: Atividades.....	35



## Palavra do presidente

As pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla sempre tiveram suas vidas marcadas por processos de exclusão, marginalização e opressão social, que impediram e ainda impedem, que participem da sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Esse processo de opressão, sustentado em concepções de deficiência baseadas em fundamentos biomédicos, morais e religiosos, que atribuem à condição da deficiência a uma explicação individual com naturalização e a normalização das barreiras, nas suas diversas formas.

As barreiras, principalmente as atitudinais, comunicacionais e metodológicas, não podem marginalizar as pessoas com deficiência cerceando esse direito social de participação. A participação deve ser uma garantia para todas as pessoas e em todos os espaços, sem que se restrinjam as possibilidades de as pessoas estarem nos ambientes sociais, pois somos essencialmente sociais, e precisamos participar da sociedade para exercer a nossa condição de humano. Principalmente, nos assuntos que diz respeito às próprias pessoas, a sua participação é fundamental.

Este documento pretende subsidiar o trabalho dos profissionais nos processos de participação social da pessoa com deficiência intelectual e múltipla nos diversos ambientes da sociedade.

Tenha uma ótima leitura!

**Prof. Jarbas Feldner de Barros**

*Presidente*



## 1. Introdução

Como seria a vida das pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla (PcDIM) se elas fossem ouvidas e estimuladas a serem protagonistas das próprias decisões sobre vestimenta, alimentação, passeios, atividades de lazer, prática de esportes, vida afetiva, ocupação profissional, etc.? Como seria a vida dos familiares das pessoas com deficiência se eles fossem menos protetores na relação para com tais pessoas? Como seria o acesso à direitos se as PcDIM fossem protagonistas nas reivindicações que lhes dizem respeito e em assuntos diversos? Questões como essas estão na base do trabalho na *ambiência de participação social* que aqui buscaremos instrumentalizar.

Ancorada no modelo social da deficiência, essa ambiência pretende construir e sustentar uma relação de equivalência entre técnicos e usuários e usuárias do serviço do Centro-dia. O que queremos dizer com isso? Queremos dizer que o serviço deve ser prestado sem cair na tentação paternalista da superproteção e da unilateralidade nas tomadas de decisões, dando assim espaço para a autonomia e participação das usuárias e usuários. Trata-se, portanto, de estabelecer uma relação de parceria e aprendizado mútuo.

A presente cartilha é resultado das discussões realizadas nas câmaras técnicas conduzidas pela Federação das Apaes de Minas Gerais – FEAPAES e o Instituto de Ensino e Pesquisa Darci Barbosa - Uniapae-MG com o apoio de pesquisas e estudos práticos e teóricos sobre a temática e visa ofertar instrumentos teóricos e técnicos na condução do trabalho a ser desenvolvido na *ambiência de participação social* ofertada no Centro-dia.

O trabalho na *ambiência de participação social* está estruturado em dois eixos: i) ação pública e ii) ação privada, que se articulam por meio de, ao menos, cinco temas transversais: cidadania, representatividade, mundo do trabalho, esporte e lazer, e arte e cultura. Esta ambiência pressupõe o agir político protagonizado pelas usuárias e usuários de Centro Dia como parte fundamental da constituição desses sujeitos enquanto portadores de direitos e de deveres cívicos, e que, o





mundo de igualdade e de justiça social que almejamos não se faz possível sem a participação social e o agir político efetivo de PcDIM. Razão pela qual se faz necessário afastarmos das práticas do Centro-dia relações de superproteção e infantilização das usuárias e usuários ao mesmo tempo em que se experimentam cada vez mais relações de confiança, de respeito à autonomia dos sujeitos com abertura para uma expansão do protagonismo das destinatárias e destinatários deste trabalho.

Como suporte teórico e metodológico, a presente cartilha oferece uma gama variada de sugestões de atividades (Anexo I) a serem desenvolvidas nas oficinas de *ações públicas* e *ações privadas*, bem como os parâmetros teóricos sob os quais se sustem.

## 2. A Ambiência de Participação Social no Centro Dia

O Centro-Dia oferta o serviço de proteção social especial para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias e está organizado de modo a oferecer atendimento e acompanhamento aos usuários/as, indivíduo e família, nas ambiências de vivências, de corpo em movimento e de participação social. Com tais ofertas busca-se desenvolver possibilidades de experienciar vivências diversas para os/as usuários/as que vão desde administrar os ambientes e gerenciar a própria vida até inclusão da pessoa em atividades diversas na comunidade.

A *ambiência de participação social* tem como pressuposto inafastável a premissa de que as PcDIM são agentes de mudança e não apenas objeto de mudança, assim, o protagonismo das usuárias e usuários do Centro Dia é objetivo nuclear dessa ambiência, tanto quanto nas demais. Reconhece-se que para alcançar esse protagonismo em sua maior potência é necessário tempo e construção de oportunidades para que vivências e direitos sejam exercitados. Trata-se, pois de ofertar apoio no desempenho de novas atitudes. Nesse sentido, o caráter específico desta ambiência frente às demais é que, para integrar seus dois eixos



estruturantes, ela mobilizará ao menos cinco temas transversais, sendo eles a) cidadania, b) representatividade, c) mundo do trabalho, d) esporte e lazer, e e) arte e cultura.

Pensar a participação social nessa ambiência tem a ver com a oferta de apoios para que as usuárias e usuários possam experimentar-se em diferentes contextos e situações sociais, dentre ações de cunho privado, como aquelas relativas ao mundo do trabalho, arte e cultura, esporte e lazer, e ações de cunho público e de abrangência coletiva como aquelas que mobilizam os direitos da cidadania e representatividade. E, para isso, a primeira premissa do trabalho é que, se devidamente orientadas e apoiadas, as PcDIM podem alcançar uma vida autônoma, engajada e participativa em algum nível.

É preciso que o universo conceitual e prático do trabalho na *ambiência de participação social* seja norteado pela compreensão de que PcDIM podem falar por si mesmas e tomar suas próprias decisões. Inclusive, é preciso haver um reforço dessa premissa para que essa compreensão faça parte do repertório das próprias pessoas com deficiência e das pessoas com deficiência intelectual e íntegra, assim, um saber delas sobre si mesmas. Como ação concreta de desmistificação da compreensão de que PcDIM, por exemplo, seriam incapazes de aprender, “que não tem controle sobre seu próprio comportamento, sem condições de funcionar independentemente no seu dia a dia, e que, portanto, necessitará de assistência direta de profissionais e proteção da família durante toda sua vida”<sup>1</sup>, é preciso abertura para saber distinguir o que é real na condição específica da PcDIM e o que é forjado socialmente no sentido de mantê-los limitados em suas intervenções no mundo.

Compreendemos que “o grau de desenvolvimento e maturidade que uma pessoa – tenha ela deficiência ou não – será capaz de atingir, não depende unicamente de fatores internos, mas, sobretudo, do tipo de oportunidade que ela terá

---

1 - GLAT, Rosane. *Autodefensoria/Autogestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental uma proposta político-educacional*, 2004, p.02.



em sua vida”<sup>2</sup>. Isso coloca o trabalho da ambiência de participação social como espaço de aprendizado sobre como se impor no mundo, como expressar desejos e sentimentos, como fazer a defesa de seus interesses e direitos, como projetar a vida profissional e afetiva, garantindo o poder de expressão do sujeito dando-lhe voz, dentre outras vivências que lhes levarão a ser cada vez mais protagonistas do próprio destino, fazendo escolhas comuns a todos nós e responsabilizando-se devidamente por elas. Importa a essa ambiência ofertar-lhes experiências práticas de como desenvolver tais aptidões, para isso, elencamos algumas sugestões de atividades nas fichas que seguem anexas.

O desafio e compromisso nuclear das técnicas e técnicos no trabalho da *ambiência de participação social* é apoiar as PcDIM sem se tornar pra elas os seus intermediários na relação com o mundo. É reconhecer que elas são os atores e atrizes principais da própria história e que, estimuladas de modo adequado, são hábeis para desenvolver, dentre outras, aptidão para participação e interação política com o meio, tomando parte ativa em seus processos privados de organização e bem estar, bem como nas esferas públicas e coletivas de ação.

Assim, mudanças importantes de paradigmas precisam ser incorporadas no trabalho cotidiano da ambiência. Dar ouvido ao que os usuários e usuárias trazem, à maneira como compreendem a si mesmos e aos demais, como expressam seus desejos e emoções, a maneira como sonham e projetam seus planos pra a vida afetiva e profissional, etc., provoca uma mudança atitudinal tanto nos educadores e familiares que, deixam de ser os “auto apontados porta-vozes de suas necessidades e interesses”, como nas PcDIM que ganham espaço de autonomia e manifestação autêntica de si.

As implicações sociais dessas mudanças atitudinais extrapolam os muros do Centro-dia em benefício das PcDIM em suas interações sociais. Bem sabemos que um dos grandes desafios da vivência e participação social das PcDIM é o trato social que lhes são direcionados em espaços públicos e privados, um

---

2 - GLAT, Rosane. *Autodefensoria/Autogestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental uma proposta político-educacional*, 2004, p.02.



tratamento muitas vezes estigmatizante e reforçador de dogmas, mitos e preconceitos que geram barreiras subjetivas muito concretas. Sem negar a importância central do apoio legislativo na garantia de seus direitos, sabemos que um dos grandes avanços necessários para a participação social das PcDIM virá com a ruptura das barreiras atitudinais.

“isto porque, integração<sup>3</sup> e inclusão social é, antes de mais nada, um processo subjetivo e espontâneo que envolve, diretamente, o relacionamento entre seres humanos: entre uma maioria hegemônica constituída pelos ‘normais’ (considerados o modelo de ser humano ‘perfeito’, aquele criado à imagem e semelhança de Deus), e uma minoria estigmatizada constituída dos ‘deficientes’ (os imperfeitos, defeituosos, os descartáveis.( GLAT, p.4)”

De modo concreto, as barreiras atitudinais “estão materializadas por meio da discriminação, preconceito e estigmatização, ensejando um olhar depreciativo para a convivência equânime da diversidade humana”<sup>4</sup> e, como aponta os estudo de Gleice Noronha Dias, as barreiras atitudinais estão “no âmago de todas as outras barreiras. É como se as barreiras atitudinais mobilizassem todas as outras barreiras (arquitetônicas, comunicacionais, programáticas, metodológicas e instrumentais) devido ao fato de que é uma consequência do preconceito.”<sup>5</sup> Tais barreiras refletem atitudes que expressam ideias de inferiorização, pena, superproteção, dentre outros limitadores da expressão e ampliação das vivências das PcDIM, vez que as barreiras atitudinais não são visíveis e, na maioria das vezes, são inconsciente e de difícil reconhecimento, principalmente por parte de quem pratica.

Muitas são as dimensões que necessitam se abrir a uma mudança cultural e comportamental para que as barreiras atitudinais sejam minoradas socialmente e a participação social de PcDIM seja real, efetiva e distribuída em frentes diversas de atuação. E, por se tratar de consequência do preconceito, enquanto

---

3 - Importante observarmos nessa citação que o termo “integração” utilizado pela autora não traduz a experiência que se busca alcançar na interação social de PcD e PcDIM, uma vez que almeja-se a inclusão social e não integração.

4 - DIAS, Gleice Noronha. *Barreira Atitudinais e o Processo de Socialização organizacional das pessoas com deficiência*, 2014, p.34.

5 - DIAS, Gleice Noronha. *Barreira Atitudinais e o Processo de Socialização organizacional das pessoas com deficiência*, 2014, p.32.

as barreiras atitudinais ainda se fizerem presentes em tantos espaços e relações, tão importante quanto o estímulo à participação social é o estímulo e apoio ao desenvolvimento de autoestima, auto identidade e de formas subjetivas de se defenderem frente a possíveis atitudes hostis. Aqui não estamos falando de devolver ofensas e hostilidades ou de partir para a violência, mas sim de treinar com os usuários e usuárias a defesa de seu espaço. Essa construção prévia e reiterada deve ser parte do trabalho com as usuárias e usuários porque, “a verdadeira inclusão, que se constitui na aceitação social plena e no respeito às suas diferenças só pode ser conquistada por eles mesmos! O máximo que podemos e devemos fazer é começar a proporcionar-lhes os meios para desenvolver sua autoestima, confiança e identidade pessoal”.<sup>6</sup>

Assim, a *ambiência de participação social* buscar ofertar apoio e também

estratégias que auxiliem as pessoas com deficiência, e mais, especificamente, as pessoas com deficiência intelectual, a se conscientizar de sua condição biopsicossocial, e compreender que, apesar de todas as suas dificuldades, elas são pessoas como todas as demais, e têm todos os direitos de usufruir das oportunidades disponíveis em sua comunidade”.<sup>7</sup>

### 3. Oficina de Ações Públicas

A oficina de *ações públicas* é um espaço para o desenvolvimento de um trabalho estruturado e focalizado em torno de questões coletivas com viés cívico, político, de defesa de direitos e representação. Um espaço para estímulo e experimentação de vivências cidadãs a fim de promover apoio instrumental e emocional aos/às usuários/as nas atividades coletivas em que o bem comum, a defesa de direitos, o caminho cívico e a atuação comunitária e territorial sejam centrais. Assim, a presente oficina abre espaço para a participação cidadã reconhecendo que o agir social comunitário na efetivação do bem comum é um marco

6 - GLAT, Rosane. *Autodefensoria/Autogestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental uma proposta político-educacional*, 2004, p.4.

7 - GLAT, Rosane. *Autodefensoria/Autogestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental uma proposta político-educacional*, 2004, p.4.



importante e indelével na formação dos sujeitos. Haja vista que, como já nos ensinou Aristóteles, um dos grandes filósofos do Ocidente, os seres humanos são, por natureza, animais políticos. Ou seja, realizam-se de modo pleno na interação política com o meio e com os demais seres.

Objetivando a participação cidadã na vivência comunitária, essa oficina envolve a relação com o discurso, envolve o desenvolvimento da habilidade de fazer um uso comunitário da linguagem, de compartilhar com os demais um dado sentimento ou a expressão de um desejo para que se alcancem fins comuns. A habilidade comunicacional e discursiva está intimamente ligada com a participação política e não precisa se dá apenas pelas formas que tradicionalmente já foram experimentadas. Ou seja, não se trata somente de elaborar grandes discursos eloquentes, de agir apenas pela representação ou qualquer outro formato que traga e/ou reforce estigmatizações. De modo que, outras formas de estruturação e apresentação dos discursos podem e devem ser legitimadas a fim de que a PcDIM possa, de fato, tomar parte, na arena das ações cidadãs.

A oficina de *ações públicas* envolve o estímulo a um olhar atento sobre o território e a comunidade em que se está inserido/a a fim de perceber suas demandas e expressá-las, ou apresentar projetos e ações ainda não implementadas, mas que se mostram necessárias para o bem comum. Assim, uma metodologia de ação e atividades se desenha a partir de visitas aos locais de intervenção, espaços colegiados de monitoramento de políticas públicas, de planejamento, elaboração de propostas e atuação, sobretudo, em políticas, ações e movimento que lhes diga respeito diretamente. Em linhas gerais, a oficina de ações públicas quer apoiar os usuários e usuárias a exercerem sua cidadania e dar forma à máxima “nada sobre nós sem nós”.<sup>8</sup>

---

8 - A expressão “nada sobre nós sem nós” tornou-se o lema da luta das pessoas com deficiência na década de 30 quando um grupo de aproximadamente 300 pessoas com deficiência física manifestou em frente ao Departamento de Albergues da cidade de Nova York contra o fato de suas carteiras de trabalho terem sido carimbadas com as letras DF. A ideia principal contida nesta expressão assenta-se na compreensão de que “nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência”, deste modo o lema comunica que “a ideia de que nenhuma política deveria ser decidida por nenhum representante sem a plena e direta participação dos membros do grupo atingido por essa política” (SASSAKI, 2007, p.08).



Nós precisamos participar plenamente em nossas sociedades em todos os níveis e, através de nossas organizações, ser consultados e envolvidos decisivamente em todos os programas e políticas que nos afetem. Nós somos os peritos; o nosso poder precisa ser reconhecido (SASSAKI, 2007a, p. 8).

Essa oficina quer não só reconhecer esse protagonismo, mas, sobretudo estimulá-lo apresentando a possibilidade de auto-organização e a participação das usuárias e usuários nos processos de tomada de decisão, na elaboração e gestão de políticas públicas e direitos sociais. O exercício da cidadania pode se dar tanto em espaços mais informais como grêmios estudantis, coletivos de jovens, etc, quanto em espaços mais formais como grupos culturais, conselhos consultivos e ou deliberativos de direitos da juventude, da mulher, da igualdade racial, etc, associação comunitárias de bairros e demais associações de interesse público.

Composta de ao menos três tipos de direitos, a cidadania é “uma construção social dinâmica que se reporta ao conjunto de direitos e de deveres que um membro de uma comunidade ou sociedade possui enquanto tal”.<sup>9</sup> Dentre os direitos da cidadania estão, segundo a teoria de Marshall, os civis, políticos e sociais. Ou seja, as liberdades individuais, a possibilidade de votar e ser votado, a participação social, a liberdade de associação, o bem estar social, etc.<sup>10</sup> Cidadania é, portanto, tanto o exercício da convivência quanto a formalização e defesa de interesses comuns. Assim, o exercício da cidadania compreende um processo permanente de abertura de novos espaços de participação na vida social e política promovendo a conquista de novos direitos. Direitos estes que se realizam pela organização, visibilização, intervenção na dinâmica social e pela presença ativa no espaço público.

Nesse sentido, a cidadania é resultante de novas formas de sociabilidade e da conquista de novos pactos entre cidadãos, instituições e governos em torno do interesse coletivo e do bem comum na busca por maior equidade, igualdade e justiça social. A participação é central na vivência cidadã e na experimentação

9 - PINTO apud FAZENDA, Isabel. *Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança*, 2005, p.3.

10 - PINTO apud FAZENDA, Isabel. *Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança*, 2005, p.3.



dessa ambiência. Participar trabalha, de maneira coesa e sistemática, a autonomia e o protagonismo dos envolvidos, vez que participar significa “fazer parte”, “tomar parte” de um grupo, atividade, projeto, etc, implica na interação das pessoas entre si e como meio social.

## 4.Oficina de Ações Privadas

A oficina de *ações privadas*, na perspectiva da ambiência de participação comunitária, está incumbida de empoderar as usuárias e usuários e estimulá-las/los na construção de suas trajetórias profissionais, na fruição de momento de ócio e lazer e na experimentação de atividades culturais diversas, incluindo atividades esportivas e vida afetiva. Trata-se de um trabalho que possa recriar os contextos e consequências das atividades cotidianas, buscando fazer emergir um processo de tomada de decisão e de posicionamento diante das situações que lhes envolve diretamente.

Nesse sentido, a *oficina de ações privadas* deve estimular i) competências, ii) autoestima, iii) consciência crítica e iv) participação. **Competências** que permitam aos usuários e usuárias do Centro-dia executar ações novas ou redefina aquelas que os sujeitos já realizam de modo que eles possam “aprender coisas que depois vão fazer em casa e permite que elas sintam-se vistas pelas outras pessoas com quem se relacionam, como sabendo das coisas”<sup>11</sup>; **autoestima** para que as PcDIM possam redefinir sua identidade e seu sentimento de competência pessoal e de confiança em si mesmos<sup>12</sup>; **consciência crítica** para que os usuários e usuárias do Centro-dia ganhem uma maior consciência de si em termos positivos validando as habilidades que já possuem e que podem adquirir e o valor que têm, instigando suas habilidades reflexivas e de análise social, como base de uma consciência social, coletiva e política<sup>13</sup> e **participação**,

11 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.72.

12 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.72.

13 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.73.



compreendida na “transição entre a falta de palavra à expressão do indivíduo”<sup>14</sup>, dando ênfase em um “crescente envolvimento nos processos decisórios e na responsabilização pelas consequências da participação”.<sup>15</sup>

O estímulo da ação nessas quatro dimensões opera um processo interativo, de mudanças internas e externas, entre os sujeitos e o seu ambiente, no qual ganha relevância o “senso ou crença da pessoa em sua habilidade de tomar decisões e resolver seus próprios problemas, e encontrar expressão na habilidade de agir e implementar o conhecimento prático, a informação (...) e outros novos recursos adquiridos”<sup>16</sup> ao longo da oficina. O que se espera desse apoio instrumental, são “*insights* e habilidades, cujas características essenciais são uma consciência política crítica, uma competência em participar com os outros, uma capacidade de lidar com as frustrações e lutar pela influência sobre o meio ambiente”.<sup>17</sup>

Ou seja, trata-se de desenvolver uma prática:

A verdade é que raramente é dado às pessoas com deficiência, em geral, e especificadamente, aquelas que têm deficiência mental<sup>18</sup>, a oportunidade de aprender a se impor no mundo, a expressar seus sentimentos e desejos, a se arriscar e lutar por aquilo que almejam ou em que acreditam. Não se transmite a elas a idéia de que são capazes de tomar decisões a respeito de seu destino, e a assumir a responsabilidade por elas. Muito menos lhes são ensinados os meios para tal. Aí elas continuam caladas no seu canto, passivamente recebendo o que lhes é oferecido pelo conjunto de pessoas --- profissionais e familiares -- que atuam como intermediários em sua relação com o mundo. Cristaliza-se, assim, um círculo vicioso: não se dá espaço para o indivíduo com deficiência falar --- ele fica calado --- e nós continuamos falando por ele, pois ele “não tem nada a dizer”!

---

14 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.73.

15 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.73.

16 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.73.

17 - CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*, 2017, p.74.

18 - O termo deficiência mental usado na citação segue em desuso devido ao estigma que gera, trata-se, na verdade de pessoas com deficiência intelectual.



## 5. O Agir Político e o Protagonismo dos Usuários e Usuárias do Centro Dia

O agir político transforma o agente e o contexto sobre o qual sua ação incide. É uma forma de autoconstituição do sujeito que, se torna agente transformador ao mesmo tempo em que o meio se transforma pela sua intervenção transformada. Quando falamos de agir político estamos falando, sobretudo, de ação. Ação essa que envolve planejamento, avaliação dos riscos e dos recursos dados para determinada finalidade, e posicionamento na defesa de nossos modos de vida e suas peculiaridades.

Sobre a ação, Hannah Arendt nos ensina na obra *A condição humana* que ela é a

Única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde a condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição (...) de toda vida política (ARENDD, 2010, p.8-9).

Fundada na pluralidade e diversidade das nossas existências, a ação humana baliza, constitui, cria e afasta determinadas condicionantes que se colocam entre nós e a nossa relação com o mundo. E, sendo aquilo que nos iguala na diferença, nossa pluralidade é já a condição de nossa ação política. Ou seja, justamente por que somos plurais, diversos e com características existenciais diferentes é que se abre para nós a possibilidade de agir politicamente. É na ação política que mora a nossa liberdade, pois, como ensina Hannah Arendt, ação política e liberdade são sinônimas.

A possibilidade de *ação política* para as usuárias e usuários do Centro Dia está vinculada ao seu protagonismo como sujeito de decisões, escolhas e responsabilidades em relação a assuntos privados e assuntos públicos comuns, em torno de seus projetos de vida profissional e afetiva, dentre outros. A conquista desse protagonismo passa por um necessário processo de empoderamento das

PcDIM tal como o que se busca ofertar pela *ambiência de participação social* em suas duas oficinas. Inclusive, é justamente o estímulo ao empoderamento o que as conecta, sendo o núcleo daquilo que se espera como resultado de um bom trabalho.

Ao falarmos de empoderamento de PcDIM, é importante trazemos alguns elementos centrais sobre esse conceito. Nascido do movimento estadunidense de *empowerment*<sup>19</sup> nos anos de 1970 como consequência “de uma evolução nas concepções de autonomia e responsabilidade dos indivíduos, e de uma maior consciência dos mecanismos de discriminação e exclusão que se geram na sociedade”<sup>20</sup>, o conceito de empoderamento reconhece e luta contra a assimetria na distribuição de poder em nossa sociedade que marginaliza diversos grupos tidos como minorias e não lhes permite acessar direitos e benefícios socioeconômicos e nem a participar em decisões e processos políticos que lhes dizem respeito.<sup>21</sup>

Os grupos marginalizados e discriminados na sociedade sofrem de uma falta de poder que os impede de lutar pelos seus direitos e usufruir de benefícios econômicos e sociais, assim como de participar nas decisões políticas que interferem em sua vida. Para alterar esta situação é necessário que esses grupos aumentem as suas competências e o seu poder.<sup>22</sup>

Traduzido como empoderamento<sup>23</sup>, esse movimento quer, sobretudo, fortalecer a autonomia e o protagonismo dos indivíduos que historicamente estiveram sujeitos a tratamentos discriminatórios e excludentes, como ocorre

---

19 - Traduzido comumente por *empoderamento*, trata-se de um “conceito que tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da ação social presentes nos países desenvolvidos na segunda metade do século XX nos anos 70, é influenciado pelos movimentos de autoajuda, e nos anos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 90 o influxo vem dos movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social (ALMEIDA; CARVALHO *apud* CAVALIERI, 2017, p.3). Ademais

20 - FAZENDA, Isabel. *Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança*, 2005, p.1.

21 - FAZENDA, Isabel. *Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança*, 2005, p.1.

22 - FAZENDA, Isabel. *Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança*, 2005, p.1.

23 - Conforme os apontamentos feitos por Isabel Fazenda, muitos são os eventos históricos que influenciaram a formação do conceito de empoderamento como temos hoje. Ela cita seis deles, sendo eles 1) a expansão da concepção de cidadania; 2) os movimentos de emancipação de grupos oprimidos; 3) Paulo Freire e a ‘pedagogia do oprimido’; 4) movimento de reconceitualização do Serviço Social; 5) Democracia participativa e 6) movimentos de autoajuda como alcoólicos anônimos, clube de idosos, etc. (FAZENDA, 2005, p.3-4).



com o público do Centro Dia. Ofertar instrumentais para que PcDIM possam desenvolver autonomia, confiança em si mesmos, um forte senso de identidade pessoal e coletiva e assim experimentar vivência e participação social é fundamental no processo de empoderamento. Assim, é importante reconhecer que o empoderamento apenas se completa com o exercício desse protagonismo. Os processos e participações que envolvem a *autodefensoria* e *auto-gestão* são exemplos relevantes do grau de protagonismo de que estamos falando.

Como se sabe, a *autodefensoria*<sup>24</sup> se “refere à efetivação de direitos individuais e coletivos das pessoas com deficiência intelectual que frequentam as APAEs, ou seja, é uma mobilização de educandos a favor de si e de seus colegas”<sup>25</sup>. Trata-se de empoderar-se para a liberdade, para a ação política e manifesta-se “quando uma pessoa com deficiência intelectual busca através de sua autonomia a garantia dos direitos individuais e coletivos, posiciona-se e requer oportunidade de voz e vez para expor ideias e suas necessidades”<sup>26</sup>.

O movimento da autodefensoria possui quatro princípios ou diretrizes fundamentais: i) eliminação de rótulos, ii) identidade, iv) autonomia e v) luta por direitos, englobando assim tanto aspectos políticos como aspectos educacionais. Na compreensão de Rosane Glat, embora o movimento de autodefensoria seja bastante difundido e experimentado em diversas partes do mundo, no Brasil ele ainda carece de uma maior sistematização, sobretudo, quando se trata de envolver as pessoas com deficiência intelectual.

Raramente é dado às pessoas com deficiência, e especialmente àquelas com deficiência intelectual, a oportunidade de aprender a se colocar no mundo, a expressar seus sentimentos e desejos, arriscar-se a lutar por aquilo que almejam ou em que

---

24 - Os termos *autodefensoria* (*self-advocacy*) e *auto-gestão* referem-se ao processo de autonomia e participação de pessoas portadoras de deficiências, na medida em que se engajam pessoalmente na luta pela defesa de seus direitos, tomando suas próprias decisões a respeito de suas vidas, reivindicando voz e espaço para expressar suas ideias, desejos, expectativas e necessidades. *Autodefensoria é ao mesmo tempo uma filosofia, um movimento político e um programa de suporte psicoeducacional* (GLAT, 2004, p.1).

25 - BONETTI, Joelma Cristina Sandri; ZANLUCA, Andréia. *Através do movimento de autodefensoria, os educandos da APAE tornam-se atores e autores da sua própria história*, 0000, p.58.

26 - BONETTI, Joelma Cristina Sandri; ZANLUCA, Andréia. *Através do movimento de autodefensoria, os educandos da APAE tornam-se atores e autores da sua própria história*, 0000, p.58.



acreditam. Não se transmite a ideia de que são capazes de tomar decisões a respeito de seus interesses e assumir consequências e responsabilidades.

A mudança nesse tipo de abordagem que anula as percepções e vivência das Pcd e, sobretudo, PcDIM, nas tomadas de decisões e responsabilização com as consequências de tais escolhas é fundamental para que o movimento de autodefensoria tome corpo e seja expressão do lema “nada sobre nós sem nós”. Oportunizar a expressão de sentimentos e emoções, estimular um olhar coletivo sobre os problemas comuns, despertar o interesse por participação em processos representativos e eleitorais, incentivar e favorecer uma convivência harmônica e dialógica com os demais usuários e usuárias do Centro Dia, dentre outros, são importantes formas de fortalecer a relação entre a *ambiência de participação social* e o movimento de autodefensoria.

## 6. Como o Educador Social Pode Apoiar a PCDIM na Ambiência de Participação Social

Apoio pode ser definido como “o conjunto de recursos e estratégias - incluindo indivíduos, agências, tecnologias assistivas, ambientes, fundos e ativos - que auxiliam as pessoas com deficiências desenvolvimentais a participar na comunidade” (AAIDD, 2010, p.).

O apoio para pessoas com deficiência intelectual desempenha um papel fundamental na promoção de sua participação social e no estabelecimento de conexões significativas com os outros.

A participação social de indivíduos com deficiência intelectual vai além da simples presença física em um ambiente social; ela envolve a construção de interações contínuas. Essas interações podem gerar laços, sejam eles laços fracos contínuos, laços fortes, relações de coleguismo, amizade, namoro ou relações afetivas profundas.



Os apoios fornecidos visam eliminar barreiras que possam dificultar a participação plena dessas pessoas. Isso pode incluir a adaptação de ambientes físicos, o uso de tecnologia assistiva, treinamento para a comunicação efetiva, suporte emocional, educação inclusiva, dentre outros. O objetivo é criar um ambiente onde todos tenham a oportunidade de desenvolver relacionamentos e contribuir para a comunidade de forma significativa.

Portanto, o apoio para pessoas com deficiência intelectual não se limita apenas a aspectos práticos, mas também se estende à promoção de conexões humanas genuínas. Ao adotar essa abordagem holística, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde a participação social é um direito de todos, independentemente de suas habilidades ou desafios individuais.

Abaixo, exemplos de atividades de participação social de uma pessoa com deficiência intelectual em ações privadas e públicas, juntamente com os tipos de apoio necessários:

### **Ação Privada:**

**Exemplo:** Um jovem com deficiência intelectual deseja participar de uma festa de aniversário de um amigo.

**Apoio Necessário:** Nesse contexto privado, o apoio pode incluir:

1. Comunicação: O jovem pode receber treinamento em habilidades sociais e de comunicação para interagir com os colegas na festa.
2. Acompanhamento: Um amigo ou um cuidador pode acompanhar o jovem à festa para garantir que ele se sinta seguro e apoiado durante o evento.
3. Planejamento: É importante fazer um planejamento prévio, informando aos anfitriões sobre as necessidades específicas do jovem, como restrições alimentares ou necessidade de pausas.

## **Ação Pública:**

**Exemplo:** Um adulto com deficiência intelectual deseja se candidatar a um cargo de representante em um conselho comunitário.

**Apoio Necessário:** Nesse contexto público, o apoio pode incluir:

1. **Treinamento em Autonomia:** A pessoa pode receber treinamento em habilidades de liderança e advocacy, bem como orientação sobre os requisitos do cargo.
2. **Acessibilidade:** É fundamental garantir que os locais de reunião do conselho sejam acessíveis e que haja recursos de comunicação alternativa e fácil disponíveis.
3. **Apoio da Comunidade:** A comunidade local pode oferecer apoio emocional e prático, incentivando a participação e fornecendo informações relevantes sobre as questões em discussão.

Esses exemplos destacam como o apoio pode variar de acordo com o contexto da participação social, seja em ações privadas ou públicas. O objetivo é adaptar o apoio às necessidades individuais, promovendo a inclusão e a participação ativa das pessoas com deficiência intelectual em diversos aspectos da vida.

## **7. Considerações Finais**

O protagonismo das PcDIM e Múltipla deve ser estimulado e incentivado em uma perspectiva que reconheça a possibilidade de todas e todos alcançarem uma vida autônoma, engajada e participativa em algum nível. Há uma pluralidade de formas e mecanismos de agir político e participação social disponível aos usuários e usuárias do Centro dia e que ganharão um aprofundamento em seu aspecto democrático e inclusivo pela participação ativa deste público, como, por exemplo, associações de diversas temáticas, ONGs, grêmios estudantis, conselhos de direitos, coletivos, movimentos sociais diversos, entre outros.



Muito se avança socialmente, sobretudo, com a construção de autonomia em pequenas escolhas, gestos e ações que envolvam diretamente a própria vida em relação com o meio e com as demais pessoas do convívio diário. Importante reforçar que, nesse sentido, promover apoio instrumental e emocional para lidar com as frustrações e lutar pela influência sobre o meio ambiente é fundamental no processo de afirmação e construção positiva da própria identidade.

Consideramos que o trabalho a que a *ambiência de participação social* está vocacionada é um elo importante e assertivo em prol de uma sociedade cada dia mais inclusiva e, conseqüentemente, democrática e participativa. Apoiar as usuárias e usuários do Centro dia na experimentação de sua própria autonomia, apontar-lhes caminhos e possibilidades de protagonismo individual e coletivo é uma medida salutar na desconstrução dos mitos capacitista e limitadores de seus potenciais. Construir uma relação de equilíbrio entre ações de proteção e cuidado com ações de encorajamento e construção de autonomia é o que se almeja com as oficinas de ação privada e de ação pública e, como se pôde observar, muitas são as atividades e ações que podem e devem ser exercida pela PcDIM.

Enquanto instrumental de apoio na implantação da *ambiência de participação social*, e experimentações de protagonismo e empoderamento em que tal ambiência está atrelada, a presente cartilha traz em seus anexos as fichas de atividades (Anexo I) para uma melhor realização da ambiência.

## Referências

ARENDT, Hannah. A vida ativa e a condição humana. In: *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BONETTI, Joelma Cristina Sandri; ZANLUCA, Andréia. Através do movimento de autodefensoria, os educandos da APAE tornam-se atores e autores da sua própria história. In *Revista Maiêutica – Serviço Social*, v.01, nº01 Jul/Dez, xxx.

CAVALIERI, Irene Corrêa. *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação e à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: < <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/82584/1/>





Disserta%C3%A7%C3%A3o\_final\_IreneCavalieri.pdf Acesso em novembro, 2020.

COSENZA, Izabela Fernandes; RESENDE, Ana Paula Crosara. A cidade e as pessoas com deficiência: barreiras e caminhos. In: *Sociedade & Natureza*. Vol.18, num. 35, dezembro, 2006, pp. 23-34.

DIAS, Gleice Noronha. *Barreira Atitudinais e o Processo de Socialização organizacional das pessoas com deficiência*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João Del-rei (UFSJ), 2014. Disponível em:

FAZENDA, Isabel. Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança. In: *Centro Português de Investigação e História e Trabalho Social*. 2005 Disponível em: < <http://www.cpihts.com/PDF/EMPOWERMENT.pdf> acesso em junho de 2020.

GLAT, Rosane. Auto-defensoria/Auto-gestão: movimento em prol da autonomia de pessoas com deficiência mental uma proposta político-educacional. Belo Horizonte, 2004.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte I. *Revista Nacional de Reabilitação*, ano X, n. 57, jul./ago. 2007, p. 8-16.

TORRES, Abigail Silvestre. Segurança de convívio e de convivência: direito de proteção na Assistência Social. 2013.

## Anexo

### As ofertas de ações públicas e privadas

A participação social é compreendida como prática de cidadania e relaciona-se com a participação nos espaços públicos e privados da sociedade. Portanto, não compreende somente o acesso, isto é, a presença da PcDIM nos espaços sociais, além disso, implica a igualdade de oportunidade e o estabelecimento de vínculos (frágeis ou fortes) dessas pessoas com outras nesses espaços.

Ninguém nasce cidadão, mas torna-se cidadão por meio das oportunidades de vivências, onde as experiências em diferentes contextos e situações sociais atualizam a inclinação potencial e natural dos homens à vida comunitária ou social.

A cidadania é algo que não se aprende somente com os livros, mas com a convivência na vida social e pública. É no convívio do dia-a-dia que exercitamos a nossa cidadania, através das relações que estabelecemos com os outros, com a coisa pública e o próprio meio ambiente, com o falar por si e tomar suas próprias decisões.



O trabalho na *ambiência de participação social* está estruturado em dois eixos: ação pública e ação privada, que se articulam por meio de cinco temas transversais: cidadania, representatividade, mundo do trabalho, esporte e lazer, e arte e cultura. Esta ambiência pressupõe o agir político protagonizado pelas usuárias e usuários de Centro Dia como parte fundamental da constituição desses sujeitos enquanto possuidores de direitos e de deveres cívicos, onde o mundo de igualdade e de justiça social que almejamos não se faz possível sem a participação social e o agir político efetivo de PcDIM.

Quando falamos em participação social, estamos falando de diferentes espaços em que a sociedade se movimenta.

Como é possível promover a participação?

Para ampliar a participação, é preciso propor formas criativas e capazes de promover experiências em que as pessoas sintam que podem ser parte das atividades, assegurando a todas iguais condições de participação, a partir de sua vivência. Para que a participação aconteça realmente, ela não pode ser uma escuta simples. É fundamental estimular a expressão da opinião das pessoas para dizer de suas necessidades e, também, acreditar que essas pessoas são capazes.

Para isso, as pessoas precisam estar informadas de tal modo que compreendam e conectem uma nova informação aos saberes e experiências que já têm. Elas precisam se sentir seguras para expressar seus sofrimentos e suas resistências cotidianas sem que sejam julgadas por isso. Elas devem perceber que sua opinião é importante e, só assim, terão a vivência do direito de expressar opiniões para interferir nas decisões que afetam sua própria vida e da coletividade.

Para promover estratégias mais participativas é preciso:

- **Estar presente:** tem a ver com comparecer, frequentar as atividades. Para que as pessoas se sintam bem-vindas, é necessário que todos se preparem para recebê-las, criem condições objetivas (horários, deslocamento, alimentação, etc.) para que elas estejam presentes e, com isso, demonstrem

o reconhecimento da importância de estarem ali. O mais comum é que esta presença se dê apenas na condição de ouvinte e, portanto, essa é a forma menos intensa de participação.

- **Manifestar opinião:** acontece quando as pessoas se sentem à vontade para se expressar sobre uma vivência ou situação. A depender da experiência de vida das pessoas, manifestar a opinião sobre algo, coletivamente, pode exigir muito esforço; por isso é bem importante não julgar, não criticar ou discriminar pontos de vista.
- **Ser consultado:** trata-se de uma conversa em que se cria, intencionalmente, com perguntas, instrumentos, estratégias de escuta, uma situação para facilitar a expressão da pessoa. Consultar alguém sobre algo transmite importância à pessoa e à sua opinião sobre a questão consultada. A imagem que se quer trazer aqui é a de um diálogo, uma conversa a partir de um estímulo.
- **Estar informado:** quando a pessoa recebe uma informação que consegue compreender e fazer conexões com outros saberes que já tem, ela é capaz de formar um entendimento próprio sobre o assunto e construir uma autonomia de pensamento, podendo ampliar sua compreensão sobre esse assunto. Estar informado é a condição para uma participação efetiva, pois sem informação a pessoa reproduz senso comum ou pode até ser manipulada por outras.
- **Estar mobilizado:** é ser capaz de dialogar com outras pessoas, influenciar e permitir ser influenciado por elas para formar um entendimento coletivo sobre o assunto. Quem está mobilizado, está ativo e interessado por um assunto ou situação e, ao reconhecer como aquilo é uma questão importante, busca estimular outras pessoas a também se dedicarem àquela questão.
- **Interferir nas decisões:** é necessário compreender o que afeta diretamente cada pessoa e aspectos mais gerais que envolvem a vida em uma sociedade mais justa e protetora. Quem decide, a partir de debates coletivos, desenvolve a capacidade de análise de acontecimentos e seus impactos para todas as pessoas.



Processos participativos pressupõem a valorização dos saberes e supõem a presença de cidadãos ativos. A aposta aqui é que todas as pessoas podem e devem expressar suas visões de mundo, desejos e projetos coletivos. A disposição para se expor precisa ser construída e exige que facilitadores de processos participativos criem situações para aumentar a autoconfiança daqueles que, tradicionalmente, são excluídos ou desqualificados como pessoas portadoras de interesses legítimos para si e para a sua coletividade.

É preciso conhecer as pessoas, seus contextos de vida e suas demandas e avaliar o que já está acontecendo para compreender os atuais desafios e decidir que mudanças são mais relevantes e devem ser adotadas.

O resultado da ambiência de participação social do Centro Dia é a inclusão das PcDIM nos diversos ambientes sociais. A inclusão social é aqui entendida como a participação ativa das pessoas na sociedade na condição de cidadãos, com os mesmos direitos e deveres dos demais, sem barreiras de acesso.

A inclusão social é pautada na perspectiva de que a sociedade é a responsável por promover uma equiparação de oportunidades e realizar as mudanças necessárias para garantir a acessibilidade de todas as pessoas. Isto é essencial para a construção de uma sociedade sem quaisquer barreiras na participação social.

Não estar nos espaços sociais faz com que as pessoas se tornem despreparadas para uma vida social, contribuindo para o processo de exclusão e preconceito que permeia a vida da pessoa com deficiência.

A Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais, por meio da Câmara Técnica de Assistência Social, criou o sistema de fichas, inspirado no fichário de Spolin (2014), adaptando a estrutura original proposta pela autora norte-americana. Entretanto, no caso da ambiência de participação social, optamos, inicialmente, por disponibilizar 4 fichas que correspondem a: acolhida e conhecimento; identidade; aprendendo a ser e fazendo escolhas. Nessas fichas, entendemos que o educador social terá acesso a subsídios técnicos e práticos para a



realização das atividades de mundo do trabalho, de representatividade, de cidadania, de arte e cultura, e de esporte e lazer na ambiência de participação social do Centro-Dia. A intenção é que após a construção de práticas de participação social, juntamente com a nossa rede, em alguns anos atualizemos esse fichário.

As fichas visam auxiliar a prática e vivência das atividades realizadas pelo educador social.

As fichas possuem uma matriz padronizada, com os seguintes tópicos:

- **Nome da atividade:** Termo utilizado para denominar a atividade de modo a evidenciar sua principal função.
- **Objetivo:** Propósito da atividade e os resultados que dela se esperam.
- **Preparação:** Materiais e providências necessários na preparação do grupo para o desenvolvimento da atividade.
- **Instrução:** Como e de que forma a atividade deve ser conduzida, bem como o que deverá ser observado.
- **Desenvolvimento da atividade:** Conteúdo da oferta da atividade.
- **Avaliação:** São os resultados alcançados pelo usuário que utiliza o serviço e que devem avançar na direção de mudanças positivas em relação a indicadores de vulnerabilidades e riscos sociais.
- **Área de experiência:** Conhecimento ou aprendizado obtido através da prática e da vivência.
- **Sugestões de apoio:** São recursos e estratégias que promovam o desenvolvimento e bem-estar pessoal de um indivíduo e a melhora do funcionamento humano.

Na ambiência de participação social, as fichas são aplicadas considerando um traçado metodológico composto por ciclo de atividades, encadeados em sequência lógica e com resultados cumulativos, visando ao alcance dos objetivos. Cada tema tem um ciclo completo de atividades que varia de 2 a 4 ciclos, que deve ser planejado pelo educador social de modo que o participante tenha um itinerário.



A metodologia possibilita desenvolver capacidades para a vida, no formato de aprender fazendo, baseada em experiências reais e desafios contextualizados, mergulhando na realidade das comunidades, mostrando aos participantes como é possível aprender e superar desafios.

Isso cria oportunidade para que os participantes desenvolvam competências que lhes permitam ser protagonistas na idealização e realização de seu plano de vida, engajado em um projeto pessoal para aprender mais, buscar metas e realizar sonhos de qualidade para sua vida.

Como fazer isso? O diálogo é a base da ambiência, chave para a produção e a aprendizagem colaborativa e o(a) educador(a) é seu(sua) principal mediador(a). O processo de diálogo é enriquecido devido às diferenças entre as pessoas, como preferências, interesses e habilidades. Cada um tem um modo diferente de estar no mundo e de senti-lo. E o desafio do(a) educador(a) é conectar as diferentes pessoas.

O participante é levado a construir atitudes que são essenciais para sua autonomia, como proatividade, automotivação, organização pessoal, autoconfiança, colaboração, responsabilidade e persistência. Ele é apresentado a exemplos reais e situações concretas diante das quais poderá aprender como se comportar em ambientes diversos.

A metodologia das ofertas de ações públicas e privadas considera a ambiência de participação social o espaço de construção de conhecimentos, discussão de cenários e oportunidades para a inclusão social de jovens e adultos com deficiência intelectual.

A concepção metodológica da ambiência de participação social do Centro Dia visa desenvolver os papéis sociais dos jovens e adultos com DI, abrangendo e articulando dimensões de sua vida como indivíduo, sujeito de direito e como cidadão. Além disso, a vivência de práticas que proporcionem a aquisição de

conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades os auxiliam a empreenderem projetos de vida pessoais e coletivos transformadores.

Sua abordagem busca apresentar um contexto abrangente dos temas transversais, como oportunidade de realização pessoal e coletiva, estimulando o debate sem perder de vista o universo de interesses e expectativas desse público e seu ciclo de vida.

Nessas perspectivas, a metodologia baseia-se nas dimensões dialógica, reflexiva, cognitiva, afetiva e estética:

- **Dimensão dialógica** – o alargamento da percepção e da aprendizagem são produzidos por meio de diálogos entre iguais. Significa considerar a todos como detentores de saberes e favorecer ações que se realizem na troca de ideias e de experiências, na socialização de conhecimentos, no trato de conflitos e na negociação e construção de consensos, facilitados pela convivência e pelo trabalho coletivo.
- **Dimensão reflexiva** – o desenvolvimento de postura crítica a partir da reflexão sobre o cotidiano, sobre as experiências pessoais, coletivas e comunitárias e sobre as práticas vivenciadas pelos participantes. Está voltada para a elaboração do que é vivido – assim como o projetado na ordem imaginária – e para os novos conhecimentos adquiridos.
- **Dimensão cognitiva** – a ampliação da capacidade de analisar, comparar, refletir, não só sobre o que se aprende, mas sobre como se aprende; capacidade de acessar informações e conhecimentos, de apropriar-se das aprendizagens, reproduzir e criar novos saberes e transformá-los em novas experiências.
- **Dimensão afetiva** – o desenvolvimento e ampliação de relacionamentos interpessoais, envolvimento e comprometimento, construção de interesses comuns, cumplicidades e criação de vínculos afetivos que proporcionam alegria e prazer na participação das ações.
- **Dimensão estética** – o estímulo ao desenvolvimento das sensibilidades estéticas na perspectiva da percepção do outro em suas diferenças,



independentemente dos valores e padrões impostos como mecanismos de exclusão e invisibilidade social.

### **Espaços Sociais:**

O trabalho proposto nessa ambiência procura valorizar os espaços sociais que fazem parte do cotidiano, como espaços de participação que dialogam sobre a cidade e seu território, os acontecimentos e os relacionamentos que integram o contexto social. Nesse sentido, conjuga atividades voltadas ao autoconhecimento e ao reconhecimento do contexto em que estão inseridos, possibilitando experimentações quanto ao ser, conviver, aprender, fazer e participar, estimulando-os a assumirem papéis proativos na construção de sua história e da coletiva.

### **Comunidades:**

A comunidade é o entorno social e cultural em que as pessoas transitam no seu cotidiano e tecem as relações sociais que conferem identidade, sentido de pertencimento e de inclusão social pelos costumes, tradições e linguagens próprias que referenciam a sociabilidade.

As atividades objetivam levar as pessoas a desenvolverem um olhar sobre o bairro e a comunidade, de modo a perceberem suas potencialidades e dificuldades, estimulando-as a se envolverem nas iniciativas, nos ambientes em que vivem.

Isto significa valorizar o conhecimento do bairro/comunidade e sua contextualização na cidade; o mapeamento dos equipamentos, das ações e dos serviços públicos e privados, com vistas ao usufruto de seus direitos enquanto cidadãos. Esse conhecimento é a base para o processo de Inclusão Social que vai propiciar às pessoas o desenvolvimento de um exercício prático de cidadania ao longo do trabalho na ambiência.

Construir as relações das pessoas com a sua comunidade significa estimular sua participação nas ações existentes e em outras que possam ser criadas



que lhes propiciem interações e vivências entre grupos sociais diversificados e a aproximação com instituições, organizações, movimentos sociais e grupos de moradores do território e na cidade.

Desafios do educador social que trabalha na ambiência de participação social do Centro Dia:

- Valorizar as experiências e as vivências dos participantes, apoiando e facilitando sua reflexão e construindo com eles saberes importantes para as questões de seu cotidiano e formas propositivas de enfrentamento destas;
- ser referência para os participantes na construção de sua autonomia, favorecendo iniciativas protagônicas e provendo o apoio necessário para o desenvolvimento dos trabalhos;
- envolver as pessoas no planejamento e na avaliação das atividades;
- facilitar a conexão e o envolvimento das pessoas nos espaços sociais, favorecendo a articulação e viabilizando as atividades;
- Apresentar informações com linguagem fácil para facilitar o entendimento das pessoas (textos e imagens)

### **Planejamento das atividades:**

O planejamento é a “chave” para se desenvolver um trabalho de boa qualidade. Ao se planejar, delimitam-se as intencionalidades e as abordagens a serem realizadas, ajustando sempre que necessário em função de novos desafios, realidade e dinâmica que vão se apresentando no processo de trabalho e, para isso, é preciso:

- ter clareza dos objetivos a serem alcançados e do acompanhamento;
- delimitar o tempo de que se dispõe para a execução das atividades;
- ter conhecimento das características específicas de cada coletivo com que se vai trabalhar;
- definir os meios utilizados para apresentar os temas, a sequência e a relação entre eles; como serão articulados; as técnicas e recursos;



- ▣ Delimitar o envolvimento em rede para possibilitar a transformação social;
- ▣ Ter clareza das possibilidades de diminuição de barreiras.

### **Avaliação das atividades**

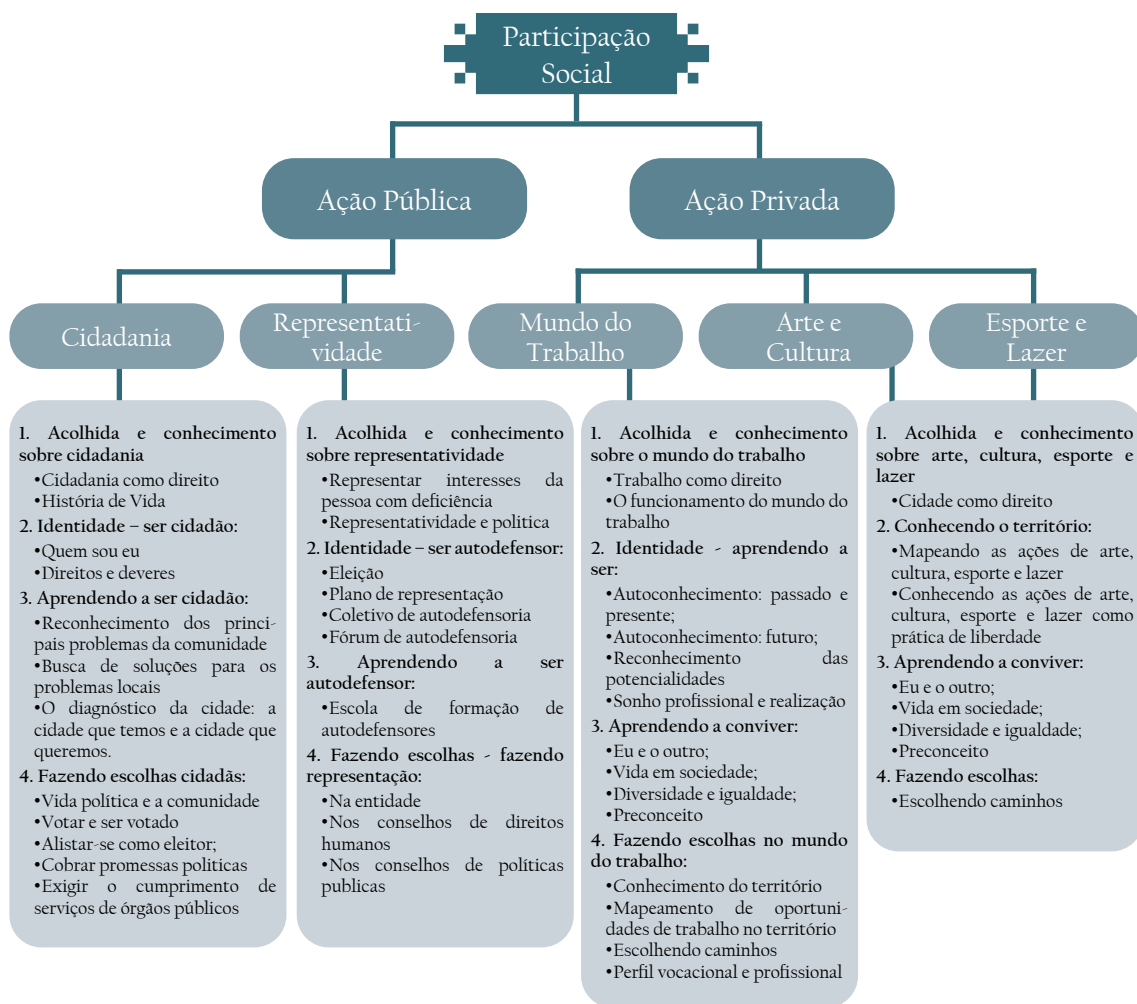
A avaliação é um processo que subsidia o planejamento das ações, quanto ao atingimento dos objetivos propostos, gerando formas de apoio aos participantes em suas dificuldades e propondo ações para correção de rumos no processo de inclusão social, e visa:

- ▣ Ao reconhecimento das dificuldades e aquisições das pessoas na realização das atividades propostas: apropriação dos temas trabalhados, convivência com os colegas, participação nas ações;
- ▣ à verificação da adequação e pertinência da metodologia, métodos e técnicas adotados;
- ▣ ao reconhecimento das transformações ocorridas com os participantes e o Coletivo (novos posicionamentos, posturas e atitudes com relação a autonomia, independência e projetos de vida ao longo de cada percurso);
- ▣ à reorientação voltada para a superação de dificuldades e o desenvolvimento de novos papéis sociais dos participantes.

A avaliação deve contribuir para a convivência e a participação das pessoas e, por isso, tem uma dimensão pessoal e coletiva e envolve tanto as pessoas como o educador social. Sugere-se que, mensalmente, o educador social reserve um momento com o coletivo para a avaliação das ações realizadas no período e ao final de cada percurso.

O registro das avaliações é importante para a compreensão da trajetória percorrida pelos participantes de cada coletivo sob responsabilidade do educador social.

No desenho gráfico abaixo apresentamos a organização das atividades da ambiência de participação social:



## Ação Pública e Privada: Atividades

<b>Nome da Atividade</b>	<p><b>Acolhida e conhecimento</b></p> <p>Aqui nomeia-se a atividade de acordo com a ação a ser realizada, por exemplo: cidadania como direito; Representatividade como direito; Trabalho como direito; Arte e Cultura como direito, Esporte inclusivo, etc.</p> <p>Duração de aproximadamente 3 meses.</p>
<b>Objetivo</b>	<p>Aproximar o coletivo com o tema (cidadania, representatividade, trabalho, arte e cultura, esporte e lazer) e sua importância para a vida em sociedade, de fazer parte da cidade, de viver em sociedade, de intervir e usufruir dos espaços sociais, intervindo e transformando-os.</p> <p>Construir a percepção da comunidade e do seu modo de vida onde o Centro Dia está inserido através do conhecimento do território e envolvimento social, visando uma análise crítica da realidade: os espaços públicos e privados, despertar noções sobre o tema e fortalecer/desenvolver o sentimento de pertencimento.</p>



<b>Preparação</b>	<p>Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com linguagem fácil a fim de torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Observar as expressões, manifestações e preferências individuais.</p> <p>Duração de aproximadamente 3 meses.</p>
<b>Instrução</b>	<p>Estabelecer um diálogo com o coletivo sobre o que é o tema, auxiliando os participantes a compreenderem a diferença entre fazer parte (passivo), tomar parte (ativo) e ser parte (decisão).</p> <p>Pergunte sobre os espaços e locais que conhecem no município onde possam exercer as ações de cidadania, representatividade, trabalho, arte e cultura e esporte e lazer, como: família, igreja, bares, clubes, associações, instituições, câmara legislativa, fóruns, conselhos, movimentos sociais, movimentos políticos, praças, circo, escolas, dentre outros. Esses espaços e locais podem ser identificados separadamente, ou seja, por tema, isto é, em um momento se identifica os de cidadania, em outro de representatividade, depois sobre o trabalho, passando a arte e cultura e por último esporte e lazer, trabalhando essas instruções para cada ação separadamente.</p> <p>Incentive o coletivo a fazer pesquisas para o levantamento dos espaços sociais no bairro, na cidade, através de relatos orais, entrevistas e depoimentos das pessoas que vivem e se relacionam com a comunidade, auxiliando na construção do registro de vida, resgatando memórias, construindo de forma concreta a trajetória do coletivo no qual estão inseridos.</p> <p>Utilize recursos tecnológicos como internet, mídias digitais e publicações para pesquisa e realização de registros, relacionando os espaços sociais, nos bairros e município, desenvolvendo noções espaciais e cartográficas básicas como localização, escala, ponto de vista, orientação e projeção.</p> <p>Criar um jornal com informações sobre os espaços sociais.</p> <p>Escreva ou cole em papel ou parede, os locais indicados pelos participantes, fazendo o mapa da cidade, a cidade que temos.</p> <p>Divida o grupo em subgrupos e peça que cada grupo decida e escolha um dos locais citados e peça-os para falar sobre a sua participação e de sua família nesses locais.</p> <p>Refleta com os participantes sobre a cidade que queremos: Se, no campo do direito, somos todos cidadãos? Na prática, isso ocorre? Sobre o benefício do uso do espaço entre os nossos direitos, somos todos cidadãos? Por que o uso da cidade não é uma prática social?</p> <p>Leve os participantes a refletirem sobre sua própria realidade, buscando e sistematizando informações sobre os direitos de cidadania, bem como sobre o funcionamento dos serviços públicos que são (ou não) colocados à sua disposição.</p> <p>Convide os participantes a explorarem os locais/espaços e as barreiras atitudinais existentes, destacando a importância do tema, da participação e colaboração ativa nos locais frente a tudo o que foi exposto.</p> <p>O coletivo será desafiado a construir o mapa do bairro, da cidade com localização e linhas de ônibus</p> <p>A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, para tornar a atividade prazerosa e real, estimulando a sua participação.</p>



<b>Avaliação</b>	<p>Autoavaliação respondendo as seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Como nos sentimos na realização desta atividade?</li><li>2. O que aprendemos sobre a cidade e as formas de participação?</li></ol> <p>O conhecimento dos espaços sociais e da cidade; A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva); O compartilhamento de experiências, informações e reflexões, na construção de um entendimento coletivo acerca da sua própria realidade. A reação a mudanças; Nos apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade. Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.</p>
<b>Áreas de experiência</b>	Participação em ações públicas e privadas.
<b>Sugestão de apoio físico</b>	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Cadeira de rodas e outras próteses. Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.
<b>Sugestão de apoio cognitivo</b>	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Usar linguagem fácil. Ajudar na tomada de decisão. Garantir oportunidade de participar. Garantir que os participantes não se sintam à margem da atividade. Valorizar a realização.

<b>Nome da Atividade</b>	<p><b>Identidade</b></p> <p>Aqui trabalha-se a identidade de ser cidadão, de ser representante, de ser trabalhador, de ser artista, de ser esportista, trazendo os direitos e deveres. A atividade deve ser nomear: SER cidadão, SER representante, SER trabalhador, SER artista, SER esportista.</p> <p>Duração de aproximadamente 3 meses.</p>
<b>Objetivo</b>	Contribuir para a construção da identidade pessoal do participante a partir de reflexões sobre experiências marcantes em sua vida, no passado e no presente. Também, promover reflexões sobre ideais e sonhos de futuro.
<b>Preparação</b>	Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com linguagem fácil, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Observar as expressões, manifestações e preferências individuais.



## Instrução

Inicie o encontro destacando o objetivo da atividade que será desenvolvida. Que a ideia é se conhecerem melhor e os demais participantes.

Peça a eles que se apresentem, dizendo o nome, idade e uma característica pessoal.

A seguir, apresente o objetivo da atividade: Conhecer a si mesmo e aos demais com vistas a participar da comunidade e construir um futuro para si e para a sociedade.

Explique os significados de expressões ou palavras que desconheçam.

Estimulem a expor suas expectativas a respeito da atividade e temática.

Proponha a vivência da dinâmica que permite o autoconhecimento, ao mesmo tempo que permite a apresentação individual dos participantes de um grupo.

Explique a importância de nos conhecermos e conhecermos os outros para nos relacionarmos melhor. Mostre que somos diferentes e únicos, e que as diferenças enriquecem nossas relações.

Converse com eles sobre a importância de conhecermos as pessoas a fim de nos relacionarmos melhor. Explique que é impossível conhecer alguém com uma simples troca de cumprimentos ou somente analisando sua aparência exterior.

Pergunte o que entendem por autoconhecimento. Registre as principais ideias. A partir das colocações dos participantes, discuta com eles a seguinte definição: “Autoconhecimento: conhecimento que se tem de si mesmo, dos próprios defeitos e qualidades, caráter, gostos e tendências, opiniões, limites etc.”.

Explique que somos diferentes uns dos outros e temos características próprias porque, dentre outros aspectos, nossa trajetória de vida é única: ninguém viveu as experiências que vivemos. Que as experiências fazem parte da nossa história, ajudam a construir a nossa identidade pessoal, característica que nos diferencia das demais pessoas. Que reconhecer e valorizar nossa história de vida é importante para entender de onde viemos, quem somos hoje e que caminhos desejamos percorrer no futuro.

Estimule-os a lembrar e a compartilhar com o grupo experiências vivenciadas em casa, no Centro Dia, etc. Dê seu depoimento também. Mostre que as pessoas se sentem bem e o grupo se fortalece e se conhece melhor quando valorizamos a identidade e as histórias de vida uns dos outros.

Proponha a vivência da dinâmica “Quem sou eu hoje” que objetiva o despertar do autoconhecimento.

Analise com os participantes as preferências anotadas, destacando semelhanças e diferenças. Explique que as preferências de cada um determinam características pessoais, e esse conhecimento ajuda a entender quem somos.

Proponha a vivência da dinâmica “Círculos de Apoio”. Peça que desenhem um círculo menor e mais três círculos maiores. Peça que escrevam o próprio nome no círculo menor e, em cada um dos círculos maiores, registrem o nome de até três pessoas importantes, com quem sempre contam no âmbito da família, Centro Dia ou amigos.

Explique que essas pessoas formam o círculo de apoio pessoal. Peça que compartilhem os registros, explicando uns aos outros as razões das escolhas.

Discuta os seguintes aspectos:

Como fortalecer o vínculo com essas pessoas que formam nosso círculo de apoio?

O que podemos fazer para ampliá-lo?

Esses círculos podem se modificar ao longo do tempo?

Explique a importância de estabelecermos vínculos de confiança com pessoas que nos ajudam a entender quem somos hoje, o que podemos ser no futuro, e que nos dão apoio nas horas difíceis. Quando ampliamos nosso círculo de relações, ampliamos a chance de encontrar pessoas com quem temos afinidade, estabelecendo laços de confiança.

**Instrução**

Mostre que você, como educador social, tem o seu círculo de apoio, que reflete sua trajetória de vida. Algumas pessoas, provavelmente, fazem parte há muito tempo. Outras passaram a fazer parte mais recentemente, por exemplo, a partir de relacionamentos na época da faculdade, escola ou no trabalho. E outras foram importantes em certos momentos, mas hoje já não integram mais seu círculo.

Converse com os participantes sobre a fase que estão vivendo. Explique que a transição para a vida adulta é um momento significativo na vida de toda pessoa.

Pergunte como se veem fazendo essa passagem, se já pensaram no assunto, quais sentimentos a ideia provoca. Após as colocações, mostre que, na música popular brasileira, há várias canções que retratam a transição. Por exemplo:

Eduardo e Mônica, de Renato Russo (grupo Legião Urbana)

João e Maria, de Chico Buarque de Holanda

Morro Velho, de Milton Nascimento

No dia em que eu vim-me embora, de Caetano Veloso

No dia em que eu saí de casa, de Joel Marques, interpretada por Zezé di Camargo e Luciano

Teatro dos Vampiros, de Renato Russo (grupo Legião Urbana)

Proponha a vivência da dinâmica “Transição para a vida adulta”. Distribua papéis e material de desenho para os participantes. Escolha com eles, como tema, uma das canções indicadas acima. Peça que a ouçam novamente, prestando atenção na letra, e expressem na forma de desenho os sentimentos que ela inspira. Se necessário, disponibilize as letras para compreenderem melhor o sentido pretendido pelo autor, reproduzindo a música diversas vezes. Ao final, peça que compartilhem as impressões.

Explique que a transição para a vida adulta acontece de diversas maneiras: saída de casa em busca de melhor oportunidade de estudo ou trabalho; conquista de emprego mais estável; constituição de nova família, entre tantas outras formas. Que muitos jovens fazem essa passagem sem planejar nem pensar no futuro: simplesmente deixam as coisas acontecerem, entregando-se ao fluxo da vida. Contudo, quando a pessoa pensa, deseja e procura planejar o que quer para o seu futuro, os benefícios são muito maiores. Que planejar é uma forma de antecipar, no campo das ideias, o caminho que nos levará ao futuro desejado, reduzindo as incertezas sem, contudo, eliminá-las, pois é impossível ter certeza do que acontecerá amanhã.

Proponha que conversem a respeito das seguintes questões:

Qual o seu sonho de futuro em relação a estudo, trabalho e família?

Quais caminhos você enxerga para realizar esse sonho?

Mostre que a realização dos nossos sonhos é uma construção que empreendemos com as nossas forças, usando os recursos que temos e que, quando começamos a pensar nos caminhos, estamos iniciando o planejamento de sua concretização.

Proponha a vivência da dinâmica “Minha vida no futuro”. Faça um quadro com 3 colunas e algumas linhas e cole na parede com as anotações no topo: vida financeira, vida afetiva, lazer e saúde. Peça aos participantes para criar uma narrativa, em primeira pessoa, sobre o tema anotado no topo da folha, como se estivessem vivendo no futuro. Por exemplo, sobre a vida financeira: “Trabalhei no comércio. Consegui juntar alguns bens, comprei a casa onde moro hoje...” Dê continuidade à história iniciada pela outra anotação no topo do quadro. E assim, passe pelas anotações

Analise com os participantes as anotações, resultados e trajetória de vida que os participantes criaram durante a dinâmica.

Faça algumas projeções a fim de estimulá-los. Mostre que daqui a 50 anos um jovem que tem hoje 16 ou 17 anos terá 66 ou 67 anos, e ainda será muito produtivo, que o exercício de se colocar no futuro pelo pensamento é uma forma de estimular a capacidade de sonhar com algo melhor para nossa vida e buscar os caminhos para sua realização.

Encerre a atividade para se apresentarem, considerando os aprendizados adquiridos: Muito prazer, eu sou ....



<b>Avaliação</b>	<p>Conhecer o objetivo das atividades.</p> <p>Conhecer a si mesmo, os colegas e o educador social.</p> <p>Compartilhar suas experiências e aprendizados.</p> <p>Perceber as diferenças individuais e como elas enriquecem a vivência em grupo.</p> <p>Refletir sobre suas próprias características, qualidades e interesses em relação ao futuro.</p> <p>Entender a importância do autoconhecimento na construção de sua identidade.</p> <p>Valorizar as experiências marcantes de sua história de vida, identificando pontos que fortalecem sua autoestima e identidade.</p> <p>Conhecer melhor os colegas e o educador social da ambiência de participação social.</p> <p>Refletir sobre o momento de transição para a vida adulta que está vivendo.</p> <p>Perceber a importância de sonhar com o futuro e planejar sua realização.</p> <p>Sentir-se capaz de construir uma perspectiva para o seu futuro.</p>
<b>Áreas de experiência</b>	<p>Participação em ações públicas e privadas.</p>
<b>Sugestão de apoio físico</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Cadeira de rodas e outras próteses.</p> <p>Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.</p>
<b>Sugestão de apoio cognitivo</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Linguagem fácil.</p> <p>Ajudar na tomada de decisão.</p> <p>Garantir oportunidade de participar.</p> <p>Garantir que não se sinta à margem da atividade.</p> <p>Valorizar a realização.</p>

<b>Nome da Atividade</b>	<p><b>Aprendendo a ser</b></p> <p>Aqui deve-se reconhecer os principais problemas da comunidade e buscar soluções para eles, concluindo com um diagnóstico da cidade que temos e projetando a cidade que queremos, considerando as nossas diferenças.</p> <p>Duração de aproximadamente 3 meses.</p>
<b>Objetivo</b>	<p>Aproximar o coletivo da cidade, como um habitante de direitos civis e políticos, reconhecer os principais problemas da comunidade e buscar soluções.</p>
<b>Preparação</b>	<p>Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Observar as expressões, manifestações e preferências individuais.</p>





<b>Instrução</b>	<p>Estabelecer um diálogo com o coletivo sobre a cidade que habita, auxiliando os participantes a identificarem os serviços distribuídos no território.</p> <p>Pergunte: Como é o lugar onde vivem? Deixar vir todas as respostas e perguntar porque, se for o caso.</p> <p>Pergunte sobre os serviços públicos e privados ofertados à população, se os utiliza, quais os principais problemas.</p> <p>Incentive o coletivo a fazer pesquisas e construir um mapa falado para desvendar o território. O mapa deve estar visível a todos sobre uma mesa, no chão, ou na parede. No centro do mapa, cole a figura do coletivo, ou do próprio Centro Dia, ou da residência, etc. Logo em seguida, referencie os bairros e inicie o reconhecimento da comunidade.</p> <p>Pergunte-os sobre a saúde local, onde são ofertados serviços de saúde, sobre a infraestrutura, se já utilizou, se a família já utilizou, se tiveram problemas de acessibilidade, de atendimento e de resolutividade, de vias de acesso e mobilidade, se tem solução para os problemas identificados.</p> <p>Dessa forma, pergunte sobre a educação, assistência social, lazer, cultura, esporte, habitação, etc.</p> <p>Os objetos usados na representação devem ser móveis, pois o grupo pode mudar sua posição. Para o levantamento dos espaços sociais no bairro e na cidade, bem como seus problemas e soluções, podem-se buscar relatos orais, entrevistas e depoimentos de cidadãs e cidadãos que vivem e se relacionam com a comunidade, construindo de forma concreta a trajetória do coletivo no qual estão inseridos.</p> <p>Todo o processo de representação acontece de maneira interativa e dialogada.</p> <p>Escreva ou cole em papel ou parede, os locais indicados pelos participantes, fazendo o mapa da cidade, a cidade que temos.</p> <p>Mostre aos participantes que a territorialidade expressa o poder das relações sociais. O mapa falado é estratégico para representar a identidade coletiva.</p> <p>Refleta com os participantes sobre a cidade que queremos, mapeando as resoluções identificadas pelos participantes</p> <p>A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, para tornar a atividade prazerosa e real, estimulando a sua participação.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Conhecer o objetivo das atividades.</p> <p>Dar voz aos participantes.</p> <p>Compartilhar suas experiências e aprendizados.</p> <p>Identificar os ambientes sociais existentes no território.</p> <p>Identificar os problemas e propostas de soluções no território.</p> <p>Perceber-se mais ativos na comunidade</p>
<b>Áreas de experiência</b>	<p>Participação em ações públicas e privadas</p>
<b>Sugestão de apoio físico</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Cadeira de rodas e outras próteses.</p> <p>Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.</p>



<b>Sugestão de apoio cognitivo</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Linguagem fácil.</p> <p>Ajudar na tomada de decisão.</p> <p>Garantir oportunidade de participar.</p> <p>Garantir que não se sinta à margem da atividade.</p> <p>Valorizar a realização.</p>
------------------------------------	--

<b>Nome da Atividade</b>	<p><b>Fazendo escolhas</b></p> <p>Aqui, trabalham-se os diversos temas ligados a cada eixo, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Vida política e a comunidade</li><li>• Votar e ser votado</li><li>• Alistar-se como eleitor;</li><li>• Cobrar promessas políticas;</li><li>• Exigir o cumprimento de serviços de órgãos públicos;</li><li>• Autogestão e Autodefesa;</li><li>• Ser trabalhador ou beneficiário do BPC;</li><li>• Arte e cultura na vida cotidiana;</li><li>• Arte e Cultura de alto rendimento;</li><li>• Esporte como saúde e lazer;</li><li>• Esporte de alto rendimento.</li></ul> <p>Duração de aproximadamente 3 meses.</p>
<b>Objetivo</b>	<p>Estimular os usuários a refletirem sobre a construção de um projeto de vida participativo que faça sentido para si e para a sociedade, e traga satisfação à sua vida.</p> <p>Proporcionar aos usuários visão abrangente das ações relativas ao tema (cidadania, representatividade, trabalho, arte e cultura, esporte e lazer), apresentando diversas possibilidades de atuação, suas oportunidades e desafios.</p>
<b>Preparação</b>	<p>Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida e seu objetivo, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.</p> <p>Observar as expressões, manifestações e preferências individuais.</p>



<b>Instrução</b>	<p>Estimular o usuário a refletir sobre a construção de um projeto de vida participativo que faça sentido para si e para a sociedade e traga satisfação à sua vida.</p> <p>Proponha a vivência da dinâmica “Sonhos de criança”:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Convide os usuários a pensarem sobre a pergunta: Quando eu era criança, o que queria ser quando crescesse? Sem compartilhar com os colegas.</li><li>• Peça-lhes para apresentarem, por meio de mímicas o sonho sonhado na infância para adivinhação pelo grupo.</li></ul> <p>Após as apresentações, diga-lhes para se organizarem em duplas e entrevistarem uns aos outros sobre as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• E hoje, o que você quer ser?</li><li>• O que você acha necessário fazer para chegar até lá?</li><li>• O que você tem feito hoje para isso acontecer?</li></ul> <p>Converse com os participantes sobre as colocações das duplas, destacando as possíveis diferenças entre os sonhos de infância e os de agora. Destaque a importância do esforço pessoal na construção e na realização dos sonhos.</p> <p>Convide-os a discutirem uma ideia mais abrangente de escolha participativa que procure atender, além dos interesses pessoais, a necessidade de transformação do mundo e de desenvolvimento da sociedade.</p> <p>Convide-os a discutirem sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• De que forma essa ação sonhada e praticada contribui para o desenvolvimento da comunidade?</li><li>• De que forma essa ação sonhada e praticada contribui para a melhoria da minha vida?</li><li>• O que sei ou gostaria de saber fazer para contribuir para um mundo mais justo?</li><li>• Em que ação consigo vislumbrar meu lugar e meu papel social no mundo?</li></ul> <p>Oriente os participantes a compartilharem suas conclusões.</p> <p>Destaque a importância da participação social por meio de ações cidadãs, representativas e inclusivas no trabalho, nas artes e cultura e no esporte e lazer.</p> <p>Encerre a atividade pedindo para se imaginarem participando das ações inclusivas.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Reflexão sobre a importância e o sentido da ação em sua vida.</p> <p>Percepção sobre em que a ação deve contribuir de alguma forma para a sociedade, além dos benefícios pessoais.</p> <p>Identificação de interesses, aptidões e talentos que servirão de base para a escolha de ações inclusivas.</p>
<b>Áreas de experiência</b>	<p>Participação em ações públicas e privadas</p>
<b>Sugestão de apoio físico</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Cadeira de rodas e outras próteses.</p> <p>Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.</p>
<b>Sugestão de apoio cognitivo</b>	<p>Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.</p> <p>Linguagem fácil.</p> <p>Ajudar na tomada de decisão.</p> <p>Garantir oportunidade de participar.</p> <p>Garantir que não se sinta à margem da atividade.</p> <p>Valorizar a realização.</p>



Instituto de Ensino e Pesquisa  
**Darci Barbosa**